



Direcção Pedagógica

Departamento de Admissão à Universidade (DAU)

| | | | |
|-------------|----------------------|---------------------------|----|
| Disciplina: | Língua Portuguesa II | Nº Questões: | 55 |
| Duração: | 120 minutos | Alternativas por questão: | 5 |
| Ano: | 2017 | | |

INSTRUÇÕES

1. Preencha as suas respostas na FOLHA DE RESPOSTAS que foi fornecida no início desta prova. Não será aceite nenhuma folha adicional, incluindo este enunciado.
2. Na FOLHA DE RESPOSTAS, assinale a letra que corresponde à alternativa escolhida pintando completamente o interior do rectângulo por cima da letra. Por exemplo, pinte assim , se a resposta escolhida for A
3. A máquina de leitura óptica anula todas as questões com mais de uma resposta e/ou com borrões. Para evitar isto, preencha primeiro à lápis HB, e só depois, quando tiver certeza das respostas, à esferográfica.

Leia o texto com atenção e responda às questões que seguem.

A força das palavras

Palavras assustam mais do que os factos: às vezes é assim. Descobri isso quando as pessoas discutiam e lançavam palavras como dardos sobre a mesa de jantar. Nessa época, os meus olhos mal alcançavam o tampo da mesa e o mundo dos adultos me parecia fascinante. O meu era demasiado limitado por horários que tinham de ser obedecidos (por que criança tinha de dormir tão cedo?), regras chatas (por que não correr descalça na chuva, por que não colocar os pés em cima do sofá, por quê, por quê, por quê...), e a escola era um fardo (seria tão mais divertido ficar a ler debaixo das árvores no jardim de casa....).

Mas, em compensação, na escola também se brincava com palavras: lá, como em casa, havia livros, e neles as palavras eram caramelos saborosos ou pedrinhas coloridas que a gente colecionava, olhava contra a luz, revirava no céu da boca... e às vezes cuspiam na cara de alguém de propósito para magoar.

Depois houve um tempo (hoje não mais?) em que as palavras eram cortadas por reticências na tela do cinema, enquanto sobre elas se representavam cenas que, como se dizia no tempo dos pudores, faziam corar um frade de pedra.

Palavras ofendem mais do que a realidade – sempre achei isso muito divertido. Palavras servem para criar mal-entendidos que magoam durante anos:

- Você aquela vez disse que eu...
- De jeito nenhum, eu jamais imaginei, nem de longe, dizer uma coisa dessas...
- Mas você disse...
- Nunca! Tenho a certeza absoluta!

Vivemos nesses enganamentos, nesses desencontros, nesse desperdício de felicidade e afecto. No sofrimento desnecessário, quando silenciámos em lugar de esclarecer. “Agora não quero falar disso!”, dizemos. Mas a gente devia falar exactamente disso que nos assusta e nos afasta do outro. O silêncio, quando devíamos falar, ou a palavra errada quando devíamos ter ficado calados: instauram-se, assim o drama da convivência e a dificuldade do amor. Sou dos que optam pela palavra sempre que é possível. Olho no olho, às vezes mão na mão ou mão no ombro: vem cá, vamos conversar? Nem sempre é possível, mas em geral, é melhor do que o silêncio crispado e as palavras varridas para baixo do tapete.

Não falo do silêncio bom em que se compartilham ternura e entendimento. Falo do mal de um silêncio ressentido em que se acumulam incompreensão e amargura – o vazio cresce e a mágoa distancia na mesma sala, na mesma cama, na mesma vida. Em parte porque nada foi dito, quando tudo precisaria de ser falado, talvez até para que a gente pudesse se afastar com amizade e respeito quando ainda era tempo.

Falar é também a essência da terapia: pronunciando o nome das coisas que nos feriram, ou das que nos assustam mais, de alguma forma adquirimos sobre elas um mínimo de controle. O fantasma passa a ter nome e rosto, e começamos a lidar com ele. Há estudos interessantíssimos sobre os nomes atribuídos ao diabo, a enfermidades consideradas incuráveis ou altamente contagiosas: muitas vezes, em lugar das palavras, usamos eufemismos para que o mal a que elas referem não nos atinja.

A palavra faz parte da nossa essência: com ela, nos acercamos do outro, nos entregamos ou nos negamos, apaziguamos, ferimos e matamos. Com a palavra seduzimos num texto; com a palavra liquidamos – negócios, amores. Uma palavra confere o nome ao filho que nasce e ao navio que transporta vidas ou armas.

“Vá”, “Venha”, “Fique”, “Eu vou”, “Eu não sei”, “Eu quero, mas não posso”, “eu sou capaz”, “Sim, eu mereço” – dessa forma, marcamos as nossas escolhas, a derrota diante do nosso medo ou a vitória sobre o nosso susto. Viemos ao mundo para dar nomes às coisas dessa forma nos tornamos senhores delas ou servos de quem as baptizar antes de nós.

